Acervo ISA

Documentação SOCIOAMBIENTAL
Fonte OESP
Data 1º/2/2000 Pg A16
Class. 29

SOCIEDADE

Villas Bôas lamenta falta de ética da Funai

Demitido por fax, sertanista recebeu vários telefonemas de apoio, alguns do exterior

EDSON LUIZ

BRASÍLIA – O sertanista Orlando Villas Bôas afirmou, ontem, que sua demissão do cargo de assessor especial da Fundação Nacional do Índio (Funai), na semana passada, encerra de maneira "inglória e grosseira" 48 anos de dedicação à causa indígena. Villas Bôas, de 86 anos, foi exonerado do cargo pelo presidente da instituição, Frederico Marés Filho, em um comunicado via fax. "As pessoas têm de ter ética", lamenta.

"Dedicamos boa parte de nossa vida a essa causa pensando que fizemos alguma coisa que preste, mas os novos donos da terra não acharam isso", acrescenta o sertanista, que confessa ter vontade de chorar quando fala sobre o assunto.

Villas Bôas foi comunicado de sua demissão no dia 25 de janeiro, quando Marés lhe enviou um fax afirmando que precisava do cargo de confiança que ocupava. "Lamento muitíssimo comunicar-lhe da real necessidade de ter de dispor do cargo em comissão", afirmou Marés na correspondência.

A justificativa do presidente da Funai era a de que Villas Bôas recebia uma pensão vitalícia concedida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, no ano passado. No fax enviado para o sertanista, ele afirma que a medida é para adequar a instituição ao Decreto n.º 3.134/99, que determina uma redução em 10% dos gastos com cargos de confiança.

> EU E O ÍNDIO SOMOS UMA REALIDADE INCÔMODA

Além do DAS-2 que recebia como assessor, equivalente a R$ 1.300, Villas Boas tinha uma aposentadoria quase nesse mesmo valor e um benefício de R$ 950 do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Villas Boas confessa que não se preocupa com o dinheiro, mas se sentiu humilhado pela forma com que foi tratado pelo presidente da Funai. "Quando ele ia assumir o cargo, veio almoçar comigo, tiramos fotos juntos e ele me pediu apoio", afirmou o sertanista. "Ele tem o direito de querer o cargo, mas não precisava ser desse jeito."

Segundo ele, hoje sua dedicação à causa não merece mais reconhecimento. "Eu e o índio somos uma realidade incômoda."

Ontem, Orlando Villas Bôas recebeu diversos telefonemas de apoio, alguns dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Mas não conseguiu falar sobre sua demissão com um de seus interlocutores, o cacique Raoni Txucarramãe, que conhece desde criança.

"O Raoni me ligou para falar sobre sua viagem ao exterior, mas eu não quis falar a ele que tinha sido demitido", conta Villas Bôas. Preferiu ouvir as histórias do cacique, que chama o sertanista de "pai". "Raoni me contou que deu três tapas na barriga de um homem vestido como mulher", diz Villas Bôas, afirmando que o índio se referia ao Papa João Paulo II.

Desde que recebeu a correspondência da Funai, ele não faz outra coisa senão tentar esquecer a maneira como foi demitido. "Prefiro falar do meu pessoal do Xingu", diz Orlando Villas Bôas, nominando todos os grandes chefes indígenas do Parque Nacional do Xingu, um dos maiores do mundo, foi criado por ele e pelo irmão Cláudio.

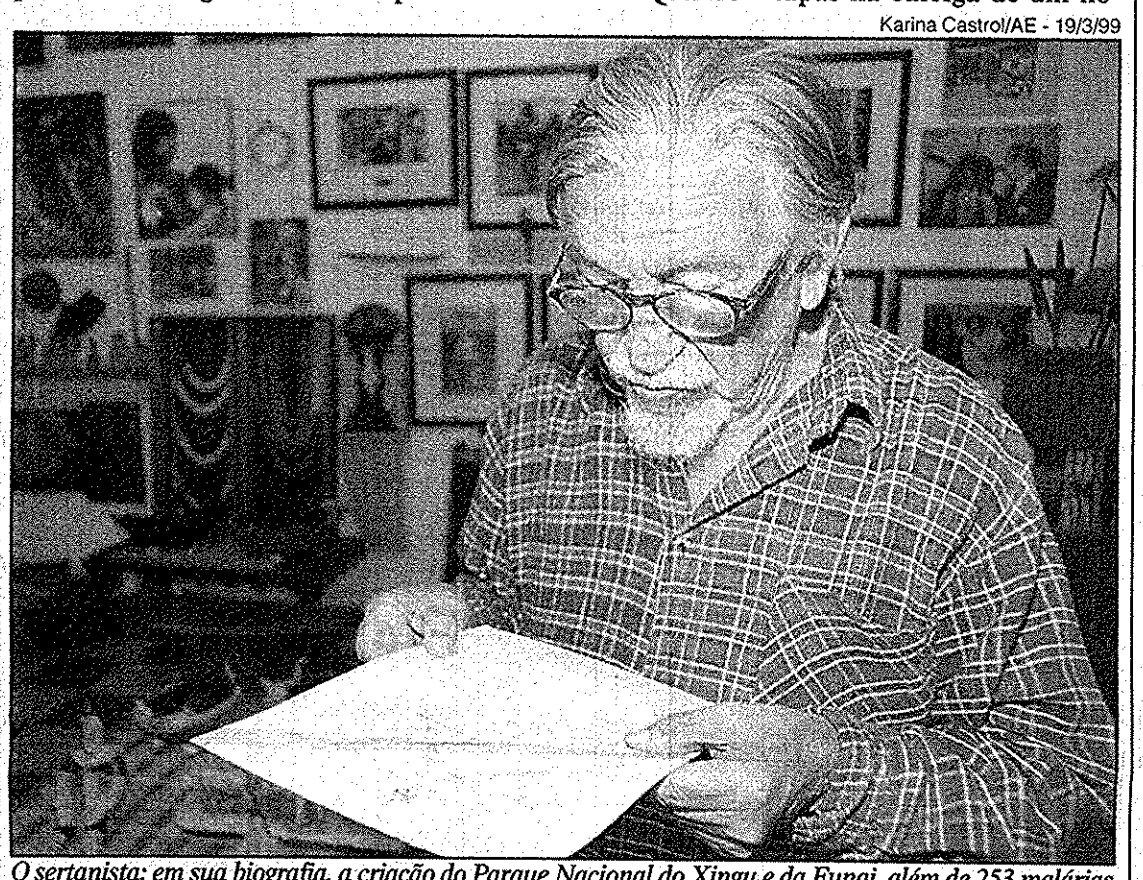
Villas Bôas também foi um dos criadores da Funai, em 1965, e só não foi seu primeiro presidente porque não quis. Ele preferiu voltar para a floresta, onde contraiu 253 malárias, todas registradas na Escola Paulista de Medicina.

"Acho que acabei desmoralizando a malária no País", brinca Villas Bôas, que também passou um ano e meio nas matas com uma perna quebrada. "Ela já estava ficando fina", conta. Mas ele só se medicou por exigência do então presidente Jânio Quadros.

Último seguidor do marechal Cândido Rondon ainda vivo, Orlando Villas Bôas afirmou que a retirada do cargo de assessor – que lhe foi dado pelo então presidente Ernesto Geisel – foi uma surpresa. "Não quis acreditar, pensei que o presidente da Funai iria me ligar", afirma. "Ele foi muito indelicado, ele não sabe o que é uma área indígena, mas eu sei muito bem."

Apesar de tudo, o sertanista não acredita que os índios possam se revoltar com sua demissão. "Hoje eles, além de tudo, são grandes amigos da Funai", observa Villas Bôas. "Mas acho que eles não vão gostar disso."

Karina Castrol/AE - 19/3/99



O sertanista: em sua biografia, a criação do Parque Nacional do Xingu e da Funai, além de 253 malárias

No governo, poucos sabiam da demissão

Até ontem, o presidente do órgão, Frederico Marés, não havia feito o anúncio oficial

BRASÍLIA – A demissão de Orlando Villas Bôas do cargo de assessor especial da Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não tinha sido anunciada oficialmente ontem pelo presidente da instituição, Frederico Marés Filho. Nem mesmo os assessores do ministro da Justiça, José Carlos Dias, sabiam da exoneração.

O sertanista Apoena Meirelles, filho de Francisco Meirelles, um dos contemporâneos dos Villas Bôas, parecia não acreditar na notícia. "Foi uma forma deselegante, já que o governo tem uma grande dívida com os Villas Bôas", disse Meirelles.

Segundo ele, Orlando e seus irmãos, Cláudio (que morreu em 1998) e Álvaro (falecido há quase duas décadas), sempre se dedicaram à causa indígena quando o trabalho era muito diferente de hoje. "Era uma questão de coragem, enquanto hoje é uma coisa exótica", diz.

Meirelles disse que teve, ontem, uma longa conversa com Villas Bôas. "Ele (Orlando) não está questionando o dinheiro do cargo, mas a forma pela qual foi informado", afirma. "Além disso, cortar o salário que Orlando ganhava, de R$ 1.300, não vai resolver o déficit do Brasil", protesta.

> TRABALHAR COM ÍNDIOS ERA UM ATO DE CORAGEM

Burocracia – Também assessor da Funai, o índio Marcos Terena não critica a direção da fundação. Mas reconhece que Orlando Villas Bôas é hoje o indigenista brasileiro mais conhecido no exterior. "Aparentemente, ele estava exercendo uma função incompatível administrativamente", disse Terena.

Segundo Terena, que integra a Comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) para a causa indígena, a demissão de Villas Bôas é típica da administração do governo. Ele lamenta que essas questões sejam tratadas de maneira fria e burocrática, sem o devido reconhecimento dos méritos das pessoas que ocupam os cargos públicos. "Isso não ocorre apenas na Funai, mas em todos os órgãos públicos", diz Terena. **(E.L.)**

Comunicado foi 'gentil', afirma Marés

Segundo o presidente da Funai, cargo que Villas Bôas exercia desde os anos 80 era 'ilegal'

BRASÍLIA – O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Frederico Marés, disse ontem que Villas Bôas estava acumulando funções, já que, desde o ano passado, tinha direito a pensão especial da União. Marés afirmou que o comunicado feito a Villas Bôas foi "gentil" e explicou os motivos de sua demissão. Conforme disse no fax enviado ao sertanista, a Funai precisa reduzir as remunerações dos cargos em comissão, já que vem passando por significativo corte, "motivado pela recente passagem da saúde indígena para a Fundação Nacional de Saúde (Funasa)."

Ontem, depois de um encontro com o ministro da Justiça, José Carlos Dias, Marés informou que a demissão de Villas Bôas deverá ser publicada hoje no *Diário Oficial*. Orlando Villas Bôas não costuma ler o *Diário Oficial*, mas afirmou que o fará, a partir de hoje, para tentar saber os motivos de sua demissão do cargo de assessor especial da presidência da Funai.

> PARA FUNAI, MEDIDA FOI UM AJUSTE

"Quero saber por que fui demitido, já que no fax o presidente da Funai não disse o motivo", disse o sertanista.

Segundo Marés, a medida foi "um ajuste". "A Funai deve a Villas Bôas todo o respeito e acredito que até seria um bom presidente da Funai", disse Marés, explicando que o cargo de assessor exercido pelo sertanista desde a década de 80 era apenas simbólico, mas ilegal, por causa da pensão especial que vinha recebendo desde 1998. Para Marés, "a população também vai entender que essa medida é legal", afirmou. O porta-voz da Presidência da República, Georges Lamazière, disse que a demissão do sertanista foi provocada pelo fato de ele não poder acumular o salário e uma pensão concedida em razão de serviços prestados à causa indígena. **(E.L.)**